

# **Processos técnicos, corpo e ambiente na produção da louça entre mulheres**

**Kariri-Xocó<sup>1,2</sup>**

Karina Rachel Guerra Braga - UFRN/RN<sup>3</sup>

Palavras-chave: Antropologia da Técnica; Cerâmica indígena; corpo e materialidade.

## **Introdução**

Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa de doutorado em antropologia social que investiga os processos técnicos envolvidos na produção da louça entre mulheres Kariri-Xocó. O ponto de partida é o deslocamento de uma concepção instrumental da técnica, entendida como aplicação de meios a fins, para uma abordagem que a compreende como prática relacional, situada e processual. Argumenta-se que a técnica, nesse contexto, não se define pelo controle da matéria, mas pela capacidade de responder à indeterminação. Em vez de um conjunto de procedimentos previamente estabelecidos, a técnica é tomada como um campo de coordenação contínua entre corpo, materiais e ambiente, no qual decisões são constantemente ajustadas em função das variações do processo. O objetivo central é analisar de que modo a descrição etnográfica da cadeia operatória da louça permite apreender essa dinâmica, evidenciando que os processos técnicos produzem efeitos simultaneamente materiais, corporais e sociais. Sustenta-se que é na queima, momento crítico da cadeia operatória, que essa dimensão se torna mais visível, ao explicitar os limites do controle técnico e a dependência em relação aos elementos.

## **Técnica como coordenação: contribuições teóricas**

A análise dialoga com a tradição da antropologia da técnica, especialmente com Marcel Mauss (2003), ao compreender as técnicas como formas socialmente aprendida de uso do corpo, e com André Leroi-Gourhan (1983), ao enfatizar a articulação entre gesto e matéria. Nesse debate, é fundamental considerar as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

<sup>2</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

<sup>3</sup> Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRN

contribuições de Emanuel Sautchuk (2017), que propõe compreender a técnica como processo de transformação. Nessa perspectiva, os processos técnicos não apenas produzem objetos, mas transformam simultaneamente materiais, corpos e relações, implicando modificações recíprocas entre humanos e não-humanos.

Essa formulação aproxima-se das contribuições de Tim Ingold (2015; 2022), para quem o fazer técnico deve ser entendido como processo de correspondência. A ação não consiste em impor forma à matéria, mas em acompanhar suas variações, respondendo às suas propriedades ao longo do processo. Ao mesmo tempo, dialoga com Bruno Latour (2005), ao reconhecer que a ação técnica se distribui em coletivos heterogêneos, nos quais materiais e elementos ambientais participam ativamente da produção. A cadeia operatória, portanto, não é tratada como sequência linear de etapas, mas como um campo de coordenação no qual a técnica se realiza como prática situada, atravessada por ajustes contínuos e pela impossibilidade de controle total.

### **A cadeia operatória como ferramenta analítica**

A noção de cadeia operatória ocupa um lugar central nos estudos sobre tecnologia, sendo amplamente utilizada para descrever a sequência de operações envolvidas na produção de artefatos. Formulada inicialmente no âmbito da arqueologia e da antropologia da técnica, especialmente nos trabalhos de André Leroi-Gourhan, a cadeia operatória permitiu deslocar a atenção dos objetos acabados para os processos de produção, enfatizando a articulação entre gesto, matéria e conhecimento técnico. Tradicionalmente, essa abordagem descreve etapas como a obtenção da matéria-prima, preparação, modelagem, secagem, queima e acabamento. No entanto, quando tratada como uma sequência linear, corre-se o risco de reduzir a técnica a uma sucessão de fases previsíveis, obscurecendo a variabilidade e a contingência que caracterizam o fazer.

A etnografia da produção da louça entre as mulheres Kariri-Xocó permite propor um deslocamento dessa leitura. Em vez de uma sequência fixa de etapas, a cadeia operatória aparece como um campo de coordenação, no qual diferentes operações se articulam de maneira dinâmica e situada. Cada momento do processo não apenas sucede o anterior, mas o reconfigura, exigindo decisões que respondem às condições específicas do material e do ambiente.

A extração do barro, por exemplo, envolve o reconhecimento de qualidades que não são dadas de antemão, mas avaliadas na prática: textura, umidade e presença

de impurezas. A preparação da massa exige um trabalho de ajuste contínuo, no qual a adição de água ou a retirada de resíduos depende da resposta do próprio material. Na modelagem, os gestos não são simplesmente repetidos, mas modulados em função da resistência do barro, que pode ceder, rachar ou endurecer. Essa dinâmica torna evidente que a cadeia operatória não é apenas um encadeamento técnico, mas um processo relacional. Ao longo de todo o percurso, as louceiras não aplicam um plano prévio sobre a matéria, mas acompanham suas variações, ajustando o fazer em tempo real. Nesse sentido, a cadeia operatória pode ser compreendida como um campo de correspondência, no qual ação e materialidade se constituem mutuamente, em consonância com a perspectiva proposta por Tim Ingold (INGOLD, 2013).

É na queima, entretanto, que essa dinâmica atinge seu ponto de maior intensidade. Enquanto as etapas anteriores permitem certo grau de correção e ajuste progressivo, a queima concentra a irreversibilidade do processo. Nesse momento, as decisões tomadas ao longo de toda a cadeia operatória convergem, e o resultado depende da coordenação entre múltiplos fatores que escapam ao controle direto. Assim, ao invés de encerrar a cadeia operatória, a queima a revela: torna visível que a técnica não se organiza como uma sequência de operações dominadas, mas como um processo aberto, atravessado por indeterminações. É nesse sentido que a análise da cadeia operatória, quando deslocada de uma lógica linear para uma lógica relacional, permite compreender a técnica como prática situada, sustentada pela atenção, pela experiência e pela capacidade de resposta.

### **Saber técnico além do gesto: corpo, memória e continuidade**

Uma suposição recorrente nas abordagens da técnica é a de que o saber reside no gesto, especialmente no movimento da mão. Quando esse movimento se interrompe, tende-se a concluir que o conhecimento se perdeu. Entre as louceiras Kariri-Xocó, essa equivalência não se sustenta. A trajetória de Maria do Carmo torna isso evidente. Após um AVC, ela já não consegue mais trabalhar o barro como antes. Ainda assim, seu saber técnico permanece ativo. Ao narrar o processo de produção, ela descreve com precisão os pontos da massa, os tempos de secagem e os riscos da queima. “A mão vai ficando sabida”, afirma, indicando que o conhecimento se forma ao longo do tempo, na relação contínua com o material.

Hoje, esse saber se desloca da execução para a memória e para a fala. Ao orientar outras mulheres, ela não prescreve procedimentos, mas sugere um modo de atenção:

“Você vai vendo. O barro diz.” Essa formulação não deve ser tomada como metáfora, mas como descrição de uma relação na qual o material participa da definição da ação. Dizer que “o barro diz” implica reconhecer que a técnica não se baseia em um saber previamente aplicado, mas em uma capacidade de perceber variações e responder a elas. O conhecimento técnico, nesse sentido, não se esgota na execução do gesto: ele persiste como forma de atenção incorporada, capaz de orientar a ação mesmo na ausência do fazer direto.

### **A queima como momento crítico da técnica**

É na queima que essa dimensão relacional da técnica se torna mais evidente. Trata-se do momento em que a coordenação entre corpo, materiais e ambiente atinge seu grau máximo de complexidade, tornando explícita a impossibilidade de controle total do processo. Como afirma Dona Reni: “Tão lindo você... mas vai morrer na queima.” A frase indica que o barro, ainda instável, precisa atravessar o fogo para adquirir outra forma de existência. Nesse sentido, a queima pode ser compreendida como um processo de transformação material e relacional. Essa transformação apresenta afinidades com o que Arnold van Gennep (2013) descreve como ritos de passagem. É possível identificar, de forma analítica, uma sequência de separação, transição e incorporação: o barro é retirado de seu contexto, atravessa o estado instável da queima e emerge como objeto apto a circular no mundo social.

No entanto, essa passagem não é garantida. A queima é atravessada por incertezas: peças podem rachar, estourar ou não atingir o ponto adequado. Nesse sentido, a transformação não é apenas simbólica, mas material e contingente. Como propõe SAUTCHUK (2017), pensar a técnica como transformação implica reconhecer que os processos técnicos produzem mudanças de estado que dependem da relação entre múltiplos elementos. No caso da queima, fogo, barro, vento e umidade participam ativamente do processo. Esse momento não pode ser reduzido a uma transformação físico-química. Ele envolve risco, expectativa e atenção, configurando uma situação na qual o sucesso depende da capacidade de responder às variações do processo. Nesse sentido, a queima não é apenas um procedimento técnico, mas um momento de intensificação da relação entre humanos e elementos.

### **Coordenação prática: o forno, o fogo e a incerteza**

No dia da queima, as peças são organizadas coletivamente e levadas ao forno, frequentemente compartilhadas entre diferentes famílias. A estrutura do forno é simples e construída com barro, diretamente no chão, o que a torna sensível às condições ambientais, especialmente à chuva. A disposição das peças no interior do forno segue uma lógica prática: potes maiores formam a base, enquanto peças menores são encaixadas nos espaços disponíveis. Essa organização não resulta de cálculo formal, mas de uma sensibilidade adquirida na experiência. Cada peça ocupa um lugar definido em função de sua forma, tamanho e resistência. A condução da queima, geralmente realizada por homens experientes como Seu João, evidencia o caráter relacional da técnica. “O barro de pote é misterioso”, ele afirma, indicando que pequenas variações podem comprometer o processo. O aquecimento inicial é lento, “um pau, dois paus”, permitindo que a umidade evapore gradualmente

Figura 1: organização das peças no forno



Fonte: Autora

Figura 2: A queima



Fonte: Autora

Sem instrumentos de medição, o controle da temperatura depende de uma escuta sensível: o som da lenha, a cor da fumaça e a intensidade do calor. A transformação é percebida quando o barro muda de cor, passando do escuro ao vermelho. Esse momento não é determinado por cálculo, mas por atenção. Aqui, a noção de correspondência (INGOLD) torna-se evidente: a ação não antecipa o resultado, mas se ajusta continuamente às respostas do material. Ao mesmo tempo, a agência distribuída (LATOUR) se manifesta na medida em que o sucesso da queima depende da articulação entre múltiplos elementos, nenhum dos quais é totalmente controlável.

### **Técnica e indeterminação**

A queima evidencia que a técnica não se define pela eliminação da incerteza, mas pela capacidade de lidar com ela. A cada fornada, existe o risco de perda: peças podem rachar, estourar ou queimar de forma desigual. Esse risco não é uma falha do processo, mas parte constitutiva dele. A técnica, nesse contexto, consiste em sustentar a coordenação em condições de variação. Trata-se de um saber que se constrói na prática, por meio da atenção, da experiência e da capacidade de ajuste. Esse conhecimento não é

facilmente verbalizável, pois está incorporado nos gestos e nas formas de percepção. Ao reconhecer a indeterminação como dimensão constitutiva da técnica, torna-se possível deslocar a análise de modelos baseados no controle para uma compreensão do fazer como processo aberto, no qual a ação se desenrola em relação com o mundo.

## **Considerações finais**

A análise dos processos técnicos envolvidos na produção da louça entre mulheres Kariri-Xocó permite compreender a técnica como prática relacional, marcada por coordenação contínua entre corpo, materiais e ambiente. Ao focar na queima como momento crítico, evidencia-se que a técnica não pode ser reduzida a um conjunto de procedimentos, mas deve ser entendida como um processo que se sustenta na capacidade de responder à indeterminação. Nesse contexto, a atenção, a experiência e o ajuste emergem como dimensões centrais do fazer. Mais do que produzir objetos, a técnica produz formas de relação. A queima mostra que fazer louça não é dominar a matéria, mas aprender a depender dela e é nessa dependência que o conhecimento técnico se constitui

## **Referências**

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. **Fazer: Antropologia, arqueologia, arte e arquitetura**. Tradução Luiz Paulo Rouanet. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra**. Volume 1 Técnica e Linguagem. Coleção perspectivas do homem. Edições 70, Brasil, LTDA. Rio de Janeiro/RJ. 1983

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003

SAUTCHUK, Emanuel. Introdução Técnica e/em/como transformação. In: **Técnica e**

**transformação** : perspectivas antropológicas / organização de Carlos . Rio de Janeiro : ABA Publicações, 2017. 500 p.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2013. 184p.